

Aureliano veta acordo do centro

EDUARDO BRITO
Editor de Política

No que depender do ex-ministro Aureliano Chaves não haverá qualquer pacto entre os candidatos de centro e centro-direita para uma renúncia coletiva em favor do que estiver em melhor posição nas pesquisas, ou de um novo nome. Aureliano até admite conversar a respeito de uma eventual substituição de candidatos, mas apenas no que chama de "processo natural", ou seja, caso ocorra um processo de aglutinação traçado pela própria opinião pública.

Para Aureliano, é possível que essa aglutinação venha a ocorrer após todos os candidatos terem chances de apresentar seus programas e de levá-los à população. A identidade entre eles e o êxito na comunicação com os eleitores poderão, assim, conduzir a que uma das candidaturas apenas venha a se sobressair. Só que esse processo, justamente por ser "natural", não deverá condicionar-se a pactos e muito menos a prazos.

E por isso que Aureliano não aceita fixar uma data para a retirada de candidaturas, ou mesmo para se abrirem as negociações nesse sentido. Porque agosto ou setembro? Pergunta o ex-ministro, numa referência às propostas que, partindo às vezes de seu próprio PFL, visam fixar um período para a retirada dos candidatos de centro-direita em favor de um só nome.

Na verdade, Aureliano Chaves acha que nada se pode decidir, nesse sentido, antes da reta final das urnas. "Já vi muito candidato que estava eleito três semanas antes da votação e que depois despencou nas pesquisas, terminando por ser derrotado", explica ele. Afinal, distingue Aureliano, uma coisa é a intenção de voto, conforme mostrada passo a passo pelas pesquisas, e outra é o voto propriamente dito, aquele para valer.

Em outras palavras, o ex-ministro alimenta a esperança de que sua campanha, em especial com a entrada do horário gratuito de propaganda eleitoral, venha a reverter o quadro atual, em que está mal colocado em termos de intenção de voto. Com a sinceridade habitual, Aureliano reconhece sempre que sua eleição é improvável, mas frisa que essa é uma situação que ainda pode ser revertida. Sem pactos, ele terá ainda quatro meses e meio para tentar.

Nesse esforço, Aureliano não poupará mais o Governo Federal. Se até agora, atirando uma ou outra farpa, tem preservado a administração Sarney, isso deixará de acontecer daqui para a frente. Se alguém lembrar sua condição de ex-ministro, Aureliano já tem resposta pronta: "Estou plenamente à vontade para comentar a política econômica do atual Governo", diz, numa clara referência ao fato de que, mesmo tendo estado na pasta das Minas e Energia, a adoção de planos como o Cruzado deu-se não com ele, mas apesar dele.

A política econômica do governo Sarney, explica, foi traçada de acordo com modelos. E modelos prontos são apenas utopias. O grande erro esteve sempre em procurar adequar a eles a realidade do País, em um processo que não podia mesmo dar certo. A rápida sucessão desses modelos só podia acumular problemas, agravando cada vez mais a situação da economia.

A saída estaria, de início, em traçar uma política permanente e duradoura, com regras fixas para o jogo econômico. Justamente o que não fez o governo Sarney. "Inflação se combate é com produção e o produtor brasileiro vem sendo desorientado", afirma Aureliano. Nesse sentido, ele cita outro ex-ministro, Alysso Paulinelli, para quem o agricultor brasileiro planta sob uma política econômica e colhe sob outra, em um processo que se repetiu durante os cinco anos da atual administração.